

O lúgubre e a morte nos desenhos animados de Tim Burton

Mariana Silveira dos Santos Rosa*

(UFSC)

Michel Goulart da Silva**

(UFSC)

Resumo: Discute-se neste artigo as representações do lúgubre e da morte no desenho animado *Noiva Cadáver*, dirigido por Tim Burton, problematizando a forma como nessas narrativas o mundo dos mortos é representado de forma positiva em contraste com um mundo dos vivos triste e perigoso. Procuraremos discutir também de que forma o imaginário acerca da morte construído nos últimos séculos dialoga com a forma da composição do filme de Tim Burton.

Palavras-chave: Tim Burton; Morte; Animação.

Abstract: This paper discusses representations of gloomy and death in the animated *Corpse Bride*, directed by Tim Burton, questioning how these narratives the underworld is represented positively in contrast to a world of living sad and dangerous. We seek also discuss how the imagery about death constructed in recent centuries dialogues with the way the composition of the Tim Burton film.

Keywords: Tim Burton; Death; Animation.

Introdução

* Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

** Doutorando em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Um jovem caminha por uma floresta ensaiando as palavras que precisa dizer antes de colocar a aliança no dedo de sua noiva e, para dar mais veracidade ao ensaio, coloca o anel no que parece ser um galho no chão. Para sua surpresa, vê emergir da terra uma jovem, que inclusive possui alguma beleza, mas que está possivelmente morta e com as roupas rasgadas. Dela saem vermes bem-humorados, que dão mostras de sua condição. Ela chama de noivo o jovem que havia colocado o anel em seu dedo. Ele, tomado pelo medo, foge daquela noiva inesperada. Mas ela o alcança em sua fuga e lhe dá um beijo, assim consumando o casamento...

Essa cena é parte do filme *Noiva cadáver*, desenho animado realizado por Tim Burton, em 2005.¹ Não se trata de obra de terror, como poderia parecer pela descrição, mas da representação de dois mundos diversos que existem de forma paralela, um onde moram pessoas vivas e outro onde vivem pessoas mortas. O primeiro é triste, cinzento, severo, convencional e hipócrita, enquanto aquele habitado pelos mortos, ao contrário, é generoso, caloroso, colorido, e onde as pessoas se divertem. Nesta e em outras obras de Tim Burton percebe-se que todos os espaços são marcados por estas formas múltiplas de dualidade, que se relacionam com oposição e justaposição e compõem elementos do real e de fantástico, presentes em cada um deles (SOARES, 2008, p. 138).

Em *Noiva cadáver*, os defuntos, quando voltam ao mundo dos vivos, levam o afeto e a felicidade perdida aos seus entes, ainda que em um primeiro momento provoquem medo. No filme procura-se mostrar uma visão positiva da morte, talvez o aspecto de que haja na morte a possibilidade de vida e de felicidade. Ao longo dos séculos, a humanidade lidou das formas mais variadas com a morte, nas diversas épocas e locais e sob o impacto das diversas religiões e religiosidades. Na cultura ocidental moderna, na qual o filme de Tim Burton está inserido, percebe-se um “novo culto da morte”, vinculado, segundo o historiador Michel Vovelle (1997, p. 351), diretamente a um “processo de dessacralização dos lugares de morte no século XIX”.

¹ *Corpse Bride*, EUA, 2005, escrito e dirigido por Tim Burton.

Embora igrejas e capelas tenham se mantido como lugares de “celebração dos serviços para descanso das almas”, pode-se “afirmar que as sepulturas desertaram dos lugares sagrados” (VOVELLE, 1997, p. 351). No século XIX, o lugar dos mortos foi inteiramente dissociado da igreja ou do templo, preparando-se toda uma constelação de ritos e novos gestos referentes à morte, organizados em torno da família e da pátria ou do Estado (ARIÈS, 2003, p. 77). Segundo Vovelle (1997, p. 352), “esses ritos apresentavam-se em geral como reaproveitamento de tradições, às vezes de muito longa duração, mas deformadas e retomadas de um novo ângulo”. Um desses ritos foi o “luto vitoriano”, que teve seu apogeu entre 1840 e 1920, com o qual “institucionalizaram-se os trajés, o cerimonial e a disciplina, e também se produziu um aglomerado de práticas e objetos simbólicos dentro de um conjunto ao mesmo tempo estruturado e profuso” (VOVELLE, 1997, p. 352-3).

Neste artigo discutiremos as representações do lúgubre e da morte no desenho animado *Noiva Cadáver*, ou seja, como nessa narrativa o mundo dos mortos é representado de forma positiva em contraste com o mundo triste e perigoso dos vivos. Procuraremos discutir também de que forma o imaginário acerca da morte construído nos últimos séculos dialoga com a forma da composição do filme de Tim Burton.

O desenho de Burton

Pensar o cinema de Tim Burton é pensar em filmes marcados por cenas com cores escuras. Segundo Carla Soares (2008, p. 10-62), as obras de Burton partilham uma construção imagética sombria e rica, geradora de ambientes por vezes violentos e assustadores. Seus filmes oscilam entre a atmosfera da realidade e a atmosfera onírica, com o elemento fantástico irrompendo e desequilibrando o real. Nesses filmes o humor é oriundo da reação das personagens quando são colocadas em situações de drama ou

horror ou de artifícios narrativos que advém das próprias situações geradas pela narrativa.

Percebe-se no desenho animado *Noiva cadáver* a positivação da morte, em contraste com a negatividade da vida, mostrado por meio da separação física de dois mundos. Nesse filme, Tim Burton “constrói sua visão de morte sempre com muita leveza, harmonia e alegria. Para ele, a morte não tem a concepção clássica da religião católica, de que apenas a alma dos bons sobreviverá” (GALENO & LIMA, 2009, p. 9). Percebe-se nos filmes a morte como uma continuação da vida, em outro plano. Ela constitui-se, assim, em um tipo de recomeço, onde os seres têm a chance de corrigir erros e traçar caminhos diferentes daqueles escolhidos em vida.

No começo do desenho animado, são dedicados vários minutos a caracterizar o mundo dos vivos, monótono, perigoso e triste. Essa descrição serve para construir o contraste com o mundo dos mortos, a ser apresentado na sequência. “Criar um contexto visual, ao qual podemos associar uma determinada atmosfera, está, para Burton, no centro do seu trabalho e é determinante na forma como este se organiza e na obra dele resultante” (SOARES, 2008, p. 134).

Depois dessas descrições, o espectador é levado ao mundo privado das duas famílias, uma de nobres em decadência e a outra de burgueses que desejam ascender. Os filhos das duas famílias, mesmo sem se conhecerem, devem casar, para selar um contrato de conveniência. Uma das famílias, que tem o título de nobreza, mas não tem dinheiro, tem interesse nas riquezas que uma família de burgueses possa lhes proporcionar. Por sua vez, os burgueses enxergam nos títulos de nobreza a possibilidade de adentrar nas esferas mais elitizadas daquela sociedade. Percebe-se aqui uma das características dos filmes de Tim Burton, onde a família surge “como primeira fonte de desfaseamento e, com frequência, como fonte de horror, presente ou passado”, sendo “a partir da família – real ou suposta – que as histórias se desenvolvem” (SOARES, 2008, p. 71).

Essa construção do mundo dos vivos é interrompida pela cena narrada no começo deste texto, na qual Victor encontra Emily, a noiva morta, na floresta. Na cena deste encontro, antes de o espectador entrar no mundo dos mortos, percebe-se o início de contraste entre os dois mundos. Enquanto Victória, a noiva viva, tinha face triste, cuja única luz se viu quando conheceu sua paixão no encontro com Victor, Emily guardava serenidade e felicidade no rosto, ainda que estivesse morta. Por outro lado, enquanto entre os vivos não precisaria haver amor para o casamento, mas apenas o interesse financeiro, Emily expressa sentimentos sinceros no casamento e não na realização financeira de uma família, sonhando com uma vida feliz e harmoniosa.

Esse elemento fica mais claro após Victor ser beijado pela noiva cadáver, quando o espectador é levado ao mundo dos mortos. Ao chegar lá com sua noiva, o jovem depara-se com uma grande festa, onde todos comemoram seu casamento e o da noiva cadáver. Um conjunto de figuras bizarras, mas felizes, é apresentado aos poucos para o espectador. Nesse outro mundo,

a chegada de Victor é celebrada. Os mortos promovem uma “festa” com brindes, música e dança para comemorar o casamento entre Emily e o “recém-chegado”. Mesmo estando no mundo dos mortos a alegria é um sentimento que impera na cena. As seguintes falas foram destacadas: “Um brinde então” e “Vou preparar o banquete do seu casamento” (GALENO & LIMA, 2009, p. 6).

Esse mundo é colorido e movimentado, os mortos bebem, riem e se divertem sem preocupações, mostrando muito bom humor. “Todos estão em um bar comemorando. O bar, que é socialmente tido como um local de descontração, é a porta de entrada para o mundo dos mortos” (GALENO & LIMA, 2009, p. 6). Ou seja, a porta de entrada para a morte é festiva e alegre, recepcionando de forma calorosa os novatos, em contraste com o mundo dos vivos onde o perigo espreita constantemente e, principalmente, não há nada que possa provocar alguma felicidade.

Nessa festa, mesmo a narração do assassinato de Emily não é motivo para tristezas. Esse fato é contado por meio de uma música alegre, sendo uma “trágica história de romance, paixão e assassinato a sangue-frio”, como se afirma no filme. No entanto, “mesmo com a suposição passada para o público de que será um relato triste sobre uma morte, para um personagem de apoio da trama a música será parte da comemoração pelo casamento e pela presença do recém chegado” (GALENO & LIMA, 2009, p. 6). O refrão da música é “Vai, vai chegar sua vez, a morte virá não importa o freguês. Você pode até se esconder e rezar, mas do funeral não irá escapar”, reproduzindo, segundo Galeno e Lima (2009, p. 6), “uma idéia social de que, apesar de triste, a morte é inevitável”.

Nesse ponto, novamente percebe-se certa posituação da morte, pois mesmo a narração de um acontecimento triste não abala a felicidade da festa. Essa contínua felicidade se explica na medida em que faz menção a um passado triste que, com o casamento da “noiva cadáver”, por certo estaria superado.

Outra cena marcante tem a ver com o reencontro entre os vivos e os mortos, na triste e enfadonha cerimônia do casamento de Victória com Lord Barkis. Passados todos os conflitos narrados no filme, Victória se casa com um homem misterioso e ganancioso, que anos antes havia assassinado Emily, a noiva-cadáver. Ele descobre, contudo, que a família de nobres está falida. Paralelamente a isso, Victor precisa concretizar seu casamento com Emily; sendo vivo, não poderia estar casado com uma morta. Precisaria tomar um veneno, para que ele e sua noiva pudessem viver em paz, na morte. Aqui, novamente um contraste, afinal a morte de Victor e seu casamento com Emily são motivos de uma grande festa, enquanto o casamento de Victória com o bem apessoado vilão é triste e lúgubre.

Para a cerimônia de casamento de Emily e Victor, os mortos sobem até o mundo dos vivos. Estes, vendo a invasão, reagem com medo dos seres que aparentam ser desconhecidos e perigosos. Contudo, aos poucos vão reconhecendo os entes queridos

mortos. Uma viúva reencontra seu marido. Uma criança reconhece seu avô. Assim os vivos vão tendo a oportunidade de rever pessoas que foram importantes para suas vidas. O reencontro não apenas traz a felicidade de superar a saudade, mas o próprio mundo sombrio dos vivos parece ganhar mais alegria. Contudo, não está sendo preenchido apenas um vazio deixado pela morte. Parece que se quer mostrar que em vida não é possível a felicidade ou, pelo menos, que a morte preenche um lugar especial na vida. No filme “a morte pode ser sim alegre e para alguns, como o personagem Emily, pode ser a chance de libertação de dores e tristezas” (GALENO & LIMA, 2009, p. 9).

Emily, embora abra mão de seu casamento, como forma de garantir a felicidade de Victor e Victória, tem sua felicidade alcançada. Primeiro, porque ela fecha seu ciclo de vida, podendo viver sua morte sem a perturbação de uma maldição. Segundo, porque seu assassino é não apenas descoberto, como são os próprios mortos que fazem seu acerto de contas. O assassino é punido, chegando ao mundo dos mortos, onde não poderia mais promover golpes ou casamentos por interesse seguidos de assassinatos a sangue frio.

Considerações finais

O filme está associado a uma perspectiva bastante pessimista. Não são mais as grandes utopias ou os movimentos políticos de multidões que podem trazer alguma felicidade ou melhorias. Nessa obra ficcional, o diretor Tim Burton parece propor que talvez apenas na morte seja possível alcançar algo bom.

Portanto, no contraste entre os dois mundos, Tim Burton mostra que não há beleza nem felicidade na vida, mas sim na morte. Pode também estar sugerindo que, diante de todo o pessimismo que enxerga ao seu redor, as pessoas não veem esperanças e jogam para mundos paralelos ou fantásticos a solução de seus problemas. Enquanto na

morte há bondade e inclusive esperanças, no mundo dos vivos parece haver apenas maldade e interesses materiais.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

GALENO, Lívio; LIMA, Tamiris. O discurso da morte para Tim Burton no filme *A Noiva Cadáver*. **XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, Teresina, maio de 2009.

SOARES, Carla Marina Simões. **O imaginário fantástico de Tim Burton**: exemplos de gótico moderno. Dissertação (Mestrado em Estudos Americanos), Universidade Aberta, Lisboa, 2008.

VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na História**: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ática, 1997.